

PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE O BRINCAR COM BASE EM ENTREVISTAS RECORRENTES

Adriana Alonso Pereira^{ID¹}, Aline de Novaes Conceição^{ID²}

Resumo

Por meio de interações verbais, é possível que o pesquisador tenha acesso às crenças, percepções, concepções, expectativas do sujeito em relação a um determinado assunto. Uma estratégia metodológica de se ter acesso às informações pode ser por meio da entrevista recorrente. Nesse procedimento, a transcrição da entrevista é apresentada ao entrevistado, o qual tem a oportunidade de explicar, modificar e aprofundar os assuntos abordados em entrevistas anteriores. A partir disso, o objetivo da pesquisa apresentada é analisar as percepções de professores da Educação Infantil sobre o brincar, tendo a entrevista recorrente como técnica de coleta de dados. Participaram da pesquisa nove professoras de Escolas Municipais de Educação Infantil de uma cidade do interior de São Paulo. Dessa forma, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada, com questões abertas que versaram sobre as concepções de professoras da Educação Infantil em relação ao brincar. As duas entrevistas foram transcritas e analisadas com base na análise de conteúdo. O procedimento de entrevista utilizado possibilitou que as participantes pudessem explicar/aprofundar e modificar relatos fornecidos na primeira entrevista. Nesse sentido, de maneira geral, foi possível verificar avanços da primeira para a segunda entrevista. Resultados como estes sugerem que a entrevista recorrente pode ser um procedimento relevante para pesquisas no âmbito da educação.

Palavras-chave: Percepções de professores; Brincar; Entrevista na Educação Infantil; Educação Especial e entrevista

PERCEPTIONS OF EARLY CHILDHOOD EDUCATION TEACHERS ABOUT PLAY BASED ON RECURRENT INTERVIEWS

Abstract

¹Doutora e mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual Paulista (UNESP), "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Câmpus de Marília/SP Marília, São Paulo, Brasil, E-mail: adriana.hds@gmail.com

² Doutora e mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP, FFC, Câmpus de Marília/SP. Professora efetiva na UNESP e professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação Social (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Câmpus do Pantanal (CPAN) e professora permanente no Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (Profei), oferecido pela UNESP, com concentração no Câmpus de Presidente Prudente/SP. Marília, São Paulo, Brasil, E-mail: aline.novaes@unesp.br



Through verbal interactions, researchers can gain access to a subject's beliefs, perceptions, conceptions, and expectations regarding a given topic. One methodological strategy for obtaining such information is the recurrent interview. In this procedure, the interview transcript is presented to the interviewee, who then has the opportunity to explain, modify, and deepen the topics addressed in previous interviews. Based on this, the aim of the present study is to analyze Early Childhood Education teachers' perceptions of play, using the recurrent interview as the data collection technique. Nine teachers from Municipal Early Childhood Education Schools in a city in the interior of São Paulo participated in the study. A semi-structured interview script was developed, containing open-ended questions that focused on Early Childhood Education teachers' conceptions of play. The two interviews were transcribed and analyzed using content analysis. The interview procedure employed allowed the participants to explain/deepen and modify statements provided in the first interview. In this sense, overall, it was possible to observe progress from the first to the second interview. Results such as these suggest that the recurrent interview may be a relevant procedure for research in the field of education.

Keywords: Perceptions of teachers; Play; Interview in Early Childhood Education; Special Education and interview.

PERCEPCIONES DE DOCENTES DE EDUCACIÓN INFANTIL SOBRE EL JUEGO BASADAS EN ENTREVISTAS RECURRENTES

Resumen

A través de interacciones verbales, es posible que el investigador tenga acceso a las creencias, percepciones, concepciones y expectativas del sujeto en relación con un determinado tema. Una estrategia metodológica para acceder a estas informaciones puede ser la entrevista recurrente. En este procedimiento, la transcripción de la entrevista es presentada al entrevistado, quien tiene la oportunidad de explicar, modificar y profundizar los temas abordados en entrevistas anteriores. A partir de ello, el objetivo de la investigación presentada es analizar las percepciones de docentes de Educación Infantil sobre el juego, utilizando la entrevista recurrente como técnica de recolección de datos. Participaron en la investigación nueve profesoras de Escuelas Municipales de Educación Infantil de una ciudad del interior de São Paulo. De esta forma, se elaboró un guion de entrevista semiestructurada, con preguntas abiertas que abordaron las concepciones de las docentes de Educación Infantil en relación con el juego. Las dos entrevistas fueron transcritas y analizadas con base en el análisis de contenido. El procedimiento de entrevista utilizado posibilitó que las participantes pudieran explicar, profundizar y modificar los relatos proporcionados en la primera entrevista. En este sentido, de manera general, fue posible verificar avances de la primera a la segunda entrevista. Resultados



como estos sugieren que la entrevista recurrente puede ser un procedimiento relevante para investigaciones en el ámbito de la educación.

Palabras clave: Percepciones de docentes; Juego; Entrevista en la Educación Infantil; Educación Especial y entrevista.

1. Introdução

As entrevistas como procedimento de coleta de dados, têm sido empregadas por pesquisadores da área da Educação. As interações verbais que acontecem, nos momentos das entrevistas, são estruturadas de acordo com os objetivos do pesquisador em acessar um ou mais temas. Por meio das interações verbais, os interlocutores têm acesso aos conhecimentos, percepções, concepções, crenças, expectativas, [...] que podem ser coincidentes com os do outro em variados graus e aspectos, e que dizem respeito tanto ao tema do diálogo, quanto à própria pessoa do outro interlocutor" (Simão, 1995, p. 229).

Nesse âmbito, a entrevista é compreendida como processo de interação e não apenas como procedimento de coleta de dados. Assim, é necessário considerar que, durante as interações entre entrevistador e entrevistado, ambos se modificam, em razão das expectativas de cada um dos envolvidos. É durante o processo de interação que entrevistador e entrevistado desenvolvem concepções sobre o papel que cada um desempenhará (Gilbert, 1980).

Gilbert (1980) aponta que um dos problemas no uso de entrevistas como procedimento de coleta de dados é que, por vezes, antes e durante as interações, o entrevistador não tem de forma definida qual o papel a ser desempenhado por cada um dos envolvidos. Essa falta de definição pode afetar o acesso às informações que o entrevistador se propõe a investigar.

O problema da falta de definição dos papéis que cada um dos envolvidos desempenhará, num processo de interação verbal, é apenas um dos muitos que podem ocorrer durante a realização das entrevistas. De acordo com Manzini (1991), é necessário que o entrevistador conheça muito bem o assunto que se propõe a investigar, para tanto, considera-se essencial um roteiro de entrevista bem definido. Além disso, o entrevistador precisa adquirir habilidades necessárias para conduzir a entrevista.

Outro problema da falta de definição de papéis se refere à possibilidade de o entrevistador modificar o conteúdo das repostas fornecidas pelo entrevistado, mediante gestos ou expressões verbais que ratificam ou desaprovam as falas e ações do entrevistado (Dias; Omote, 1995).

Durante as interações entre sujeito e pesquisador, as quais podem ocorrer uma única vez com vários sujeitos ou várias vezes com um único sujeito, tem-se a construção do conhecimento, que, de acordo com Simão (1989, p. 1196), se refere ao [...] resultante do diálogo dos interlocutores a respeito de



um tema. Ao longo do tempo, sob as condições da própria interação, as informações sobre o tema vão se modificando, se transformando".

Um procedimento que vem sendo utilizado na coleta e análise de dados de pesquisas qualitativas se refere às entrevistas recorrentes. Esse procedimento envolve interações sucessivas entre pesquisador e sujeito, com o objetivo de obter o maior número de informações acerca do tema pesquisado (Larocca, 1999; Simão, 1989).

Na entrevista recorrente, o pesquisador realiza a escolha das participantes da pesquisa de acordo com os critérios de inclusão e que tenham familiaridade com o conhecimento a ser explorado nas interações verbais. A transcrição é apresentada ao entrevistado, o qual tem a oportunidade de explicar, modificar e aprofundar os assuntos abordados em entrevistas anteriores. Esse processo pode ser desenvolvido até que o pesquisador e o entrevistado considerem o assunto esgotado, não havendo mais nada para explicar, modificar ou aprofundar (Leite; Colombo, 2006).

De acordo com Leite e Colombo (2006), foram identificados trabalhos iniciais que serviram de referência para a adoção do referido procedimento (Tunes, 1981; Simão, 1989; Goyos, 1986) e que inspiram trabalhos posteriores (Zanelli, 1992; Guanais, 1995; Larocca, 1999; Grotta, 2000).

O procedimento de entrevistas recorrentes possibilita que o pesquisador tenha acesso aos conteúdos narrados, por meio das interações entre sujeito e pesquisa. Dessa forma, representa um procedimento interessante, pois permite ao entrevistado acessar, discutir e alterar a análise realizada pelo pesquisador dos seus próprios relatos, em um processo dialógico. Nesse sentido, assinalam Leite e Colombo (2006, p. 134): "Talvez seja este um dos únicos procedimentos em que tal intervenção não só ocorre, mas é permitida e, acima de tudo, necessária e fundamental para o processo da coleta de dados".

As entrevistas recorrentes podem ser utilizadas no âmbito da educação, cuja primeira etapa consiste na Educação Infantil, cujos eixos consistem nas interações e brincadeiras, considerando que

[...] a criança na Educação Infantil precisa brincar, precisa socializar, conhecer a si e o mundo, precisa de vivências de imaginação, de movimentos, de sons, precisa de vivências com cores, diversas formas, traços, transformações, precisa descobrir o mundo. Precisa também ter contato a cultura escrita, mas não tendo a alfabetização como foco (Conceição, 2022, p. 26).

É preciso, portanto, ser realizada de forma a possibilitar o desenvolvimento de uma Educação Integral da criança que consiste na

[...] formação completa que envolve múltiplas dimensões de forma ampla, buscando o desenvolvimento da totalidade humana,



incluindo os elementos: intelectual/cognitivo, físico/motor, afetivo, ético, social, simbólico, cultural, musical, científico, ambiental, moral, artístico, emocional, filosófico, biológico, político, lúdico/recreativo, tecnológico e criativo" (Miguel; Conceição; Pereira, 2024, p. 23).

Desse modo,

Ofertar uma educação com vistas ao desenvolvimento de uma Educação Integral das crianças requer que os professores estejam atentos às necessidades educacionais de todas, incluindo as crianças com síndromes, condições diferenciadas, comportamentos atípicos e as que são Elegíveis ao Serviço de Educação Especial (ESEE), ou seja, as crianças com deficiências, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e altas habilidades/superdotação [...] (Conceição; Pereira, 2025, p. 125).

As autoras complementam que precisa-se realizar a educação de forma inclusiva, tendo as necessidades específicas das crianças atendidas e "Dentre essas necessidades, é primordial pensar nas propostas de atividades relacionadas com o brincar para todas as crianças [...]" (Conceição; Pereira, 2025, p. 125).

A partir disso, problematizamos: as percepções de professores podem ser melhor apreendidas tendo a entrevista recorrente como procedimento de coleta de dados, uma vez que os entrevistados têm a oportunidade de esclarecer e/ou aprofundar os relatos fornecidos durante as interações verbais?

Diante do exposto, o objetivo do presente estudo é analisar as percepções de professores da Educação Infantil sobre o brincar, tendo a entrevista recorrente como técnica de coleta de dados.

2. Metodologia

O presente artigo é um recorte de um estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista (UNESP), "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Câmpus de Marília/SP, Parecer nº 2.297.542. Inicialmente, os sujeitos foram informados sobre os objetivos e os procedimentos da presente pesquisa. Aqueles que se dispuseram a participar assinaram um *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE).

Participaram nove professoras regentes de turmas de cinco Escolas Municipais de Educação Infantil (Emeis), com idade variando de 28 a 51 anos e tempo de experiência docente entre oito e 30 anos. Oito professoras tinham experiência anterior com crianças com deficiência. Nenhuma professora tinha pós-graduação na área de Educação Especial e Inclusiva.



Para a coleta de dados, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturado com quatro questões que contemplam as concepções de professores da Educação Infantil sobre o brincar, tendo em vista crianças com Síndrome de Down. As perguntas foram: 1. O que é o brincar para você? 2. O que você pensa sobre o brincar e a aprendizagem? 3. Você encontra dificuldades em propor brincadeiras às crianças? 4. Como é a relação do seu aluno com Síndrome de Down com o brincar?

No total, foram realizadas duas entrevistas, seguindo os princípios da entrevista recorrente. Contudo, é importante destacar que nem todas as professoras participaram das duas entrevistas, respondendo a todas as perguntas. Isso porque, a depender dos relatos, tanto a entrevistada quanto as pesquisadoras se consideraram satisfeitas com a profundidade das respostas. Nesse sentido, na segunda entrevista, houve perguntas às quais sete docentes contribuíram com esclarecimentos e, em outras, cinco, por exemplo. As entrevistas foram gravadas em áudio e depois transcritas pela pesquisadora. A partir da transcrição das entrevistas, foram identificados conteúdos específicos, posteriormente agrupados em categorias e subcategorias, com base na análise de conteúdo de Bardin (1977).

3. Resultados e discussões

A seguir, são apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir das entrevistas feitas com professoras da Educação Infantil, organizadas em categorias temáticas. Essas categorias foram delineadas por meio da análise de conteúdo, com base na extração de significados dos relatos das participantes. Para tanto, foi essencial manter o foco no objetivo geral da pesquisa, que consistiu em investigar as percepções das professoras da Educação Infantil acerca do papel do brincar. Assim, as categorias temáticas, que emergiram das respostas às questões propostas durante as entrevistas, totalizam quatro e são as seguintes: 1) Função do brincar; 2) O brincar e a aprendizagem na Educação Infantil; 3) Dificuldades para sugerir brincadeiras às crianças e 4) A criança com Síndrome de Down na Educação Infantil. As subcategorias estão diretamente relacionadas ao conteúdo das respostas fornecidas pelas professoras, que foram variadas e resultaram em um total de 42 subcategorias.

Para este estudo, selecionamos alguns dos resultados conseguidos com o emprego da entrevista recorrente, isto é, os ganhos que obtivemos em explicações/aprofundamentos, entre a primeira e segunda entrevista, ilustrados por meio da análise das subcategorias identificadas, a partir de cada uma das entrevistas.



3.1 Resultados da primeira e segunda entrevistas em relação à primeira pergunta: o que é o brincar para você?

A partir da primeira entrevista, foi realizado contato com as participantes da pesquisa, com a intenção de aprofundar/obter explicações dos relatos fornecidos durante a realização da primeira entrevista.

A primeira entrevista foi realizada com nove participantes. Enquanto que a segunda, a participação variou sendo que tivemos a participação de sete participantes que se dispuseram a explicar/aprofundar os relatos fornecidos na realização da primeira entrevista. Para este estudo, selecionamos alguns dos resultados que obtivemos com o emprego da entrevista recorrente, isto é, os ganhos que obtivemos em explicações/aprofundamentos expressos por meio das novas categorias originadas durante a segunda entrevista.

A primeira entrevista deu origem a três subcategorias e a segunda entrevista, quatro. Segue a seguir, o Quadro 1, em que são indicadas as subcategorias identificadas na primeira e segunda entrevista:

Quadro 1- Subcategorias identificadas na primeira e segunda entrevista em relação à questão número um.

Subcategorias – questão 1	
1ª entrevista	2ª entrevista
1. Aprendizagem	4. O brincar e o lúdico como sinônimos
2. Suporte ao Ensino Fundamental	5. Inato
3. Prazer	6. Tipos de brincar
-	7. Expressão

Fonte: elaboração própria.

As falas das professoras, durante a primeira entrevista, estão mais fortemente relacionadas à necessidade de atribuir uma função ao brincar na Educação Infantil. Dentre essas funções, maior destaque foi dado ao papel do brincar na aprendizagem de conceitos. Algumas professoras também destacaram que o brincar pode preparar as crianças para o ingresso no Ensino Fundamental e que as crianças brincam por prazer. Um exemplo é o relato de uma das participantes (P1), que afirmou:

Eles aprendem tudo no brincar, você desenvolve a percepção auditiva, a percepção tátil, a lateralidade, o espaço, o tempo, tudo se desenvolve no brincar. Para mim como professora, acho que a melhor coisa que tem com as crianças é o brincar” (Pereira, 2019, p. 50).



A segunda entrevista originou quatro subcategorias, que explicitaram a compreensão dos professores acerca do brincar. Sendo assim, ao aprofundar as conversas com os docentes foram desvelados novos sentidos atribuídos ao conceito do brincar. Continuando o exemplo da professora supramencionada, na segunda entrevista a professora aprofundou um pouco mais seu relato e disse:

Lúdico são brinquedos, brincadeiras, tudo que não é o papel, o maçante ali não é? Entendeu? Na quadra é lúdico né? Na areia é lúdico, os aparelhos recreativos, isso é o lúdico". "O lúdico é o brincar" (Pereira, 2019, p. 54).

Outro aspecto que surgiu durante a segunda entrevista se refere a concepção do brincar como um aspecto inerente à infância, como no exemplo do relato de uma das participantes:

O ato do brincar ele é inato pela criança, porque ela vai se descobrindo, mas eu vou desencadeando nela pelo intermédio da mediação os vários tipos de brincadeiras e do brincar, mas acredito que seja inato sim, entendeu, já nasce com a questão exploratória dela, do que ela é capaz de desenvolver, do tato, da percepção auditiva, vai você estimulando e desencadeando vários tipos de níveis de brincadeiras do brincar (Pereira, 2019, p. 55).

Vale mencionar que a segunda entrevista revelou aspectos até então não desvelados. A associação do brincar como algo inerente à infância é uma concepção recorrente entre professores da Educação Infantil. Tal compreensão sugere práticas pedagógicas espontaneistas, que demandam pouca ou nenhuma intervenção do professor como mediador. Diversos pesquisadores evidenciam que o caráter mais informal é uma realidade presente em muitas escolas de Educação Infantil e que ainda não foi superado. (Araújo, Perez, 2021; Marques; Pegoraro; Silva, 2019).

3.2 Resultados da primeira e segunda entrevistas em relação à segunda pergunta: o que você pensa sobre o brincar e a aprendizagem?

A primeira entrevista deu origem a cinco subcategorias e a segunda entrevista, mais cinco. Segue a seguir, o Quadro 2, em que são indicadas as subcategorias identificadas na primeira e segunda entrevista. Esta entrevista foi realizada com nove participantes. Na segunda, tivemos a participação de cinco participantes.



Quadro 2 - Subcategorias identificadas na primeira e segunda entrevista em relação à questão número dois.

Subcategorias – questão 2	
1ª entrevista	2ª entrevista
1. Condutor natural à aprendizagem	6. O brincar como “uma” das ferramentas de aprendizagem
2. Conteúdos	7. Motivo para uso de fichas de atividades
3. Aprendizagem leve	8. O brincar e a alfabetização
4. Ficha de atividade	9. Habilidades físicas
5. O papel da mediação do educador	10. Cooperação, respeito

Fonte: elaboração própria.

Na primeira entrevista, a maioria dos professores descreveu uma relação quase que imediata entre o brincar e a aprendizagem, sem enfatizar o papel desempenhado pelo professor nas situações de mediação da aprendizagem. Exemplo do brincar como condutor “natural” à aprendizagem pode ser evidenciado no seguinte trecho:

A Educação Infantil é o brincar mesmo, é no lúdico mesmo que eles aprendem no concreto, brincando (Pereira, 2019, p.59).

A segunda entrevista possibilitou aprofundar os relatos das professoras que associaram o brincar como um condutor “natural” à aprendizagem. Desse modo, algumas professoras destacaram que o brincar auxilia no desenvolvimento físico das crianças, além de possibilitar o desenvolvimento da cooperação e respeito nos momentos das brincadeiras. Esse aprofundamento foi particularmente interessante, pois se fosse analisada apenas a primeira entrevista não seria possível conhecer os tipos de aprendizagens que as crianças podem desenvolver por meio de propostas de atividades que envolvam o brincar. A segunda entrevista foi crucial para conhecer as habilidades e saberes que as crianças podem desenvolver na etapa da Educação Infantil. Exemplos de trechos que expressam as subcategorias nove e 10:

Acredito que desenvolve também a habilidade física, através do pular, do correr. Aprende a dividir, a aceitar, a perder e não só a ganhar, aprende a respeitar as regras, a noção de responsabilidade e organização, pois após a brincadeira elas precisam “aprender” a guardar o que foi usado, cooperando com os outros (Pereira, 2019, p. 66).



Podemos verificar que as participantes também explicaram os relatos fornecidos na primeira entrevista e obtivemos mais duas subcategorias: Motivo para uso de fichas (subcategoria 7) e a relação entre o brincar e a alfabetização (subcategoria 8).

Se observarmos isoladamente o relato fornecido por uma das participantes, na primeira entrevista, não seria possível que ela tivesse a oportunidade de explicar o motivo, aparentemente, o uso de fichas de atividades é um complemento pedagógico. Como se pode perceber na segunda entrevista, a participante explica porque a ficha é um complemento da aprendizagem e isso demonstra que a participante realiza uma distinção entre pedagógico e não pedagógico, ou seja, a ficha de atividades serve como um registro das vivências na Educação Infantil. Dessa forma, a segunda entrevista contribuiu para que a participante tivesse a oportunidade de explicar melhor a afirmação anterior.

Resultado semelhante pode ser identificado em relação à subcategoria (conteúdos 2), na qual a participante P5 teve a oportunidade de explicar a relação entre o brincar e a aprendizagem de conteúdos, na primeira entrevista. A segunda entrevista deu origem a uma nova subcategoria: o brincar e a alfabetização (subcategoria 8).

As mesmas participantes que, de certa forma, quando questionadas sobre o que é o brincar para elas, durante a primeira entrevista, relacionaram o brincar como suporte ao Ensino Fundamental, desta vez, ao responder à segunda pergunta; foram localizados trechos, que associam à concepção do brincar à aprendizagem de conteúdos (subcategoria 2.2); ficha de atividades (subcategoria 2.4), como forma de favorecer a aprendizagem e o brincar como condutor natural à aprendizagem (subcategoria 2.1).

Os resultados podem sugerir que as professoras que demonstraram uma percepção do brincar como suporte ao Ensino Fundamental, são também àquelas que percebem o brincar mais associado ao uso de fichas, à aprendizagem de algum conteúdo e como uma forma natural e espontânea de favorecer a aprendizagem.

3.3 Resultados da primeira e segunda entrevistas em relação à terceira pergunta: você encontra dificuldades em propor brincadeiras às crianças?

No Quadro 3, a seguir, são demonstradas subcategorias identificadas na primeira e segunda entrevistas, em função das participantes. Na primeira entrevista foram identificadas sete subcategorias. Adicionalmente, na segunda entrevista, foram identificadas mais quatro subcategorias.

A primeira entrevista foi realizada com nove participantes. Na segunda, tivemos a participação de três participante:



Quadro 3 - Subcategorias identificadas na primeira e segunda entrevista em relação à questão número três.

Subcategorias – questão 3	
1ª entrevista	2ª entrevista
1. Não possui dificuldades	8. Dificuldades em incluir
2. Criança com maior dificuldade de aprendizagem	9. Falta um profissional especializado
3. Síndromes diferentes	10. Dificuldades com as crianças saírem do controle
4. Família	11. Dificuldades com as crianças menores
5. Infraestrutura	-
6. Comandar brincadeiras	-
7. Não ter nada preparado	-

Fonte: elaboração própria.

Em relação à terceira pergunta, a maioria dos professores relatou não apresentar dificuldades para propor brincadeiras às crianças. Contudo, observa-se um resultado interessante ao analisarmos as subcategorias das primeira e segunda entrevistas.

Durante a primeira entrevista, uma das participantes, identificada como P1, relatou que há fatores que dificultam a proposição de situações de brincadeira, sendo eles: o aumento de crianças com dificuldades de aprendizagem (subcategoria 2); síndromes diversas (subcategoria 3); e relações conturbadas entre as famílias e a escola (subcategoria 4). Os trechos a seguir evidenciam o relato da professora:

Tem criança que é mais difícil, tem criança que é mais fácil né?! O meio influência muito. Se tem uma família mais participativa, a criança é mais desenvolvida, isso é notável. As vezes a criança que é mais difícil é a que é mais deixadinho entendeu?! Se você manda uma tarefinha, a tarefinha não volta para a escola, porque a mãe acha que vai perder aquele tempo. Tem criança que tem maior dificuldade de aprendizagem, é uma série de coisas. Hoje a gente encontra muitas síndromes diferentes, é bem assim (Pereira, 2019, p. 71).

Durante a segunda entrevista, a professora anteriormente mencionada explicou os fatores apontados na primeira entrevista. Um deles refere-se às



síndromes diversas (subcategoria 3), identificadas na primeira entrevista. Segundo ela, a dificuldade não decorre da existência de diferentes síndromes, mas sim da falta de apoio de um profissional especializado que efetivamente auxilie o professor nas atividades docentes. Esse aprofundamento foi crucial para evitar uma interpretação rasa ou superficial do relato da professora.

Ainda em relação aos achados da terceira questão, outra participante, identificada como P2, relatou dificuldades para conduzir brincadeiras (subcategoria 6). Na segunda entrevista, foi solicitada a explicação dos relatos fornecidos na primeira entrevista, o que deu origem a uma nova subcategoria: dificuldades com o descontrole das crianças (subcategoria 10).

Ao comparar os relatos das primeira e segunda entrevistas, observa-se que a participante explicou o motivo das dificuldades para conduzir brincadeiras mencionadas na primeira entrevista. Na segunda entrevista, ela explicou que a dificuldade está relacionada à preocupação com a dispersão das crianças, que podem perder o controle e, consequentemente, o foco nas atividades propostas pela participante, especialmente em espaços externos.

3.4 Resultados da primeira e segunda entrevistas em relação à quarta pergunta: como é a relação do seu aluno com Síndrome de Down com o brincar?

No Quadro 4, a seguir são apresentadas as subcategorias identificadas nas primeira e segunda entrevistas, em relação às participantes. Na primeira entrevista, foram identificadas nove subcategorias. Na segunda entrevista, foram identificadas, adicionalmente, quatro subcategorias:

Quadro 4 - Subcategorias identificadas na primeira e segunda entrevista em relação à questão número quatro.

Subcategorias – questão 4	
1ª entrevista	2ª entrevista
1. Dificuldades com o pedagógico	10. Medida tomada nos momentos de conflito
2. Afeto	11. Aprendizagem mais lenta
3. Falta de limites	12. Isolamento
4. Resistência para aceitar professores e amigos	13. Contentamento
5. Ajuda recebida dos colegas	-
6. Afinidade	-



7. O papel do professor na inclusão	-
8. Afastamento dos colegas de classe	-
9. Dificuldade de fala	-

Fonte: elaboração própria.

Ao observar as subcategorias elencadas na primeira entrevista, foi possível perceber que a maioria das professoras relatou que a criança com Síndrome de Down apresenta dificuldades com o pedagógico, como exemplo do relato de uma professora:

Ele tem as dificuldades na parte da coordenação motora fina ele tem um pouco de dificuldade. [...] não tem aquela assim: ai porque ele é Síndrome de Down ele é diferente, porque ele não é diferente, ele tem limitações, no correr, no subir, no escrever (Pereira, 2019, p. 80).

Além disso, durante a realização da primeira entrevista, outro aspecto contemplado na fala das participantes se refere às relações de afeto entre as professoras e discentes com Síndrome de Down:

Eu sinto que por eu ter esse carinho com ela, a gente conseguiu criar vínculo, ela vem, ela está começando a trazer as necessidades dela (Pereira, 2019, p. 79).

A segunda entrevista não possibilitou tantos ganhos na investigação das concepções dos professores sobre o brincar de crianças com Síndrome de Down, pois apenas duas professoras esclareceram/aprofundaram os relatos fornecidos na primeira entrevista.

Identificamos poucos relatos que explicitam a maneira como as professoras percebem o brincar de seus alunos com Síndrome de Down. A partir das narrativas fornecidas, algumas participantes descrevem a interação lúdica do estudante com Síndrome de Down como natural, destacando que a criança participava de forma habitual das atividades e brincadeiras.

Contudo, também foram registrados depoimentos que evidenciam os obstáculos e desafios enfrentados pelas professoras durante a realização das atividades na etapa da Educação Infantil, de maneira geral. O fato de a segunda entrevista não ter proporcionado maiores explicações em relação às informações obtidas na primeira entrevista pode ser um achado particularmente relevante, revelando as dificuldades das professoras da Educação Infantil em planejar atividades que promovam o envolvimento e a participação de crianças com Síndrome de Down, uma vez que, quando questionadas, elas não conseguem apresentar, verbalmente, indícios de práticas pedagógicas implementadas.



4. Considerações finais

Por meio da análise dos dados coletados com as participantes, constatou-se que a realização de uma segunda entrevista possibilitou ganhos, no que diz respeito ao acesso aos conhecimentos das professoras da Educação Infantil em relação ao brincar. Contudo, embora tenham sido elaboradas várias subcategorias na segunda entrevista, os temas contemplados podem não ter sido tão relevantes quanto os da primeira entrevista, quando analisamos os relatos fornecidos por algumas das participantes.

Apesar de a técnica da entrevista recorrente ter se mostrado promissora no estudo apresentado, deve-se considerar que, como toda técnica de coleta de dados, depende de diversos fatores para que o entrevistador atinja seus objetivos. Um deles é a qualidade da interação entre entrevistador e entrevistado. Se o entrevistado não se sente confortável durante o processo de interação, isso pode se refletir na qualidade da resposta, comprometendo os dados coletados e fornecendo terreno fértil para o enviesamento na análise dos dados realizada pelo pesquisador. Outra limitação se refere ao número reduzido de participantes na pesquisa, os achados das entrevistas nem sempre podem ser generalizados para outras realidades, uma vez que um grupo pequeno de participantes pode não contemplar a variedade de características pessoais que os professores possuem tais como: de formação inicial e contínua, concepções sobre práticas pedagógicas e até mesmo histórias de vidas diversas.

A entrevista recorrente mostrou-se, neste estudo, uma possibilidade que contribuiu para que a pesquisadora construísse, juntamente com os professores participantes, os sentidos atribuídos às respostas, à medida que eles tiveram a oportunidade de esclarecer o que haviam dito e de aprofundar suas falas; contudo, é possível que, em outras condições e com outros sujeitos, tal técnica não se revele promissora para a apreensão e construção de sentidos. Por mais que o procedimento de entrevistas recorrentes envolva interações sucessivas e que sua interrupção ocorra apenas quando entrevistador e entrevistado considerem o assunto esgotado, com a segunda entrevista, foi possível verificar avanços quanto às explicações e aprofundamentos dos conteúdos das falas das participantes, fornecidos na primeira entrevista.

Além disso, os dados apresentados sugerem que, por mais que os professores tenham vontade e disposição para incluir os educandos com Síndrome de Down, muitas vezes, faltam-lhes formação adequada, assim como auxílio de outros profissionais que atuem coletivamente em prol do desenvolvimento de uma escola inclusiva.

É primordial que atitudes inclusivas aconteçam desde a Educação Infantil. Dessa forma, nos momentos de aprendizagem, por meio de interações e brincadeiras, a criança deve também ter as suas necessidades educacionais respeitadas e asseguradas. Entretanto, para que isso ocorra, é necessário que o professor compreenda os processos de aprendizagem envolvidos nos momentos de brincar, a fim de que possa assegurar vivências significativas, intencionais e planejadas para todas as crianças.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Caroline de Souza; PEREZ, Marcia Cristina Argentini. Educação infantil: histórico e percepções de educadoras sobre a função da instituição.

Revista Inter-Ação, Goiânia, v. 46, n. 3, p. 1593–1604, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/63762>. Acesso em: 30 jul. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Presses Universitaires de France, Edições 70, 1977.

CONCEIÇÃO, Aline de Novaes. **Educação integral para crianças**: Parques Infantis do município de Marília/SP (1937-1978). 2022. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2022. Disponível em:<https://repositorio.unesp.br/items/e068d9eb-e293-4726-9751-349bf780c3ed>. Acesso em: 30 mar. 2024.

CONCEIÇÃO, Aline de Novaes; PEREIRA, Adriana Alonso. **O brincar das crianças com síndrome de Down na Educação Infantil**: concepções de professores. In: REBELO, Andressa Santos; MARTINS, Bárbara Amaral; GUIMARÃES, Décio Nascimento (org.). Políticas e práticas educacionais em perspectiva inclusiva – Volume II. Curitiba: Campos dos Goytacazes/RJ: Encontrografia, 2025. p. 122-126.

DIAS, Tárcia Regina; OMOTE, Sadao. Entrevista em Educação Especial: aspectos metodológicos. **Revista brasileira de Educação Especial**, v. 2, n. 3, p. 93-100, 1995.

GOYOS, Antonio Celso de Noronha. **A profissionalização de deficientes mentais**: estudo de verbalizações acerca dessa questão. Tese de doutorado. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1986.

GILBERT, Geoffrey Nigel. Being interviewed: a role analysis. **Social Science Information**, v. 19, p. 227- 236, 1980.

GROTTA, Ellen Cristina Baptistella. **Processo de formação do leitor**: relato e análise de quatro histórias de vida. Dissertação de mestrado, Campinas, Faculdade de Educação da Unicamp, 2000.

GUANAIS, Maria Adelina Biondi. **O trabalho e a qualidade total**: contribuições da Psicologia Organizacional. Dissertação de mestrado, Campinas, Faculdade de Educação da Unicamp, 1995.

LAROCCA, Priscila. **Psicologia na formação docente**. Campinas: Alínea, 1999.

LEITE, Sergio Antonio da Silva; COLOMBO, Fabiana Aurora. A Voz do sujeito como fonte primária na pesquisa qualitativa: a autoscopia e as entrevistas



recorrentes. In: PIMENTA, Selma Garrido Pimenta; GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. (org.). **Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Loyola, 2006. p. 117-136.

MANZINI, Eduardo José. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v.26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARQUES, Circe Mara; PEGORARO, Ludimar; SILVA, Ezequiel Theodoro da. Do assistencialismo à Base Nacional Comum Curricular (BNCC): movimentos legais e políticos na educação infantil. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 20, n. 42, p. 255-280, 2019. Disponível em:
<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723820422019255>. Acesso em: 30 jul. 2025.

MIGUEL, Priscila Caroline; CONCEIÇÃO, Aline de Novaes; PEREIRA Adriana Alonso. Concepções de Educação Integral na contemporaneidade brasileira, **Revista Brasileira de Educação do Campo**, Tocantinópolis, v. 9, p. 1-25, 2024. Disponível em:
<https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/campo/article/view/19326/22503>. Acesso em: 28 fev. 2025.

PEREIRA, Adriana Alonso. **Atitudes sociais de professores da Educação Infantil sobre a inclusão e suas concepções sobre o brincar de crianças com síndrome de Down**. 2019.114 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita filho, Marília, 2019.

SIMÃO, Livia Mathias. Interação Pesquisador-Sujeito: a perspectiva da ação social na construção de conhecimento. **Ciência e cultura**, v. 41, p. 1195-1202, 1989.

SIMÃO, Livia Mathias. Interação Verbal em Díades Professor-Aluno: Uma Proposta de Tratamento de Dados. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 11, n. 3, p. 229-000, 1995.

TUNES, Elizabeth. **Identificação da natureza e origem das dificuldades de alunos de pós-graduação para formularem problemas de pesquisa através de seus relatos verbais**. Tese de doutorado. São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1981.

ZANELLI, José Carlos. **Formação profissional e atividades do trabalho**: a análise das necessidades identificadas por psicólogos organizacionais. Tese de doutorado. Campinas, Faculdade de Educação da Unicamp, 1992.

Recebido em: 10 de agosto de 2025.
Aceito em: 21 de novembro de 2025.
Publicado em: 12 de dezembro de 2025.

